

Artaud: a questão do nome entre a psicose e a poesia

Artaud: the question of the name between psychosis and poetry

Artaud: la cuestión del nombre entre la psicosis y la poesía

Artaud: la question du nom entre psychose et poésie

ARNALDO RODRIGUES BEZERRA FILHO

Nesse artigo, consideramos a escrita de Artaud como uma criação literária singular; cotejamos a escrita literária tradicional e a psicótica, que foi nomeada de *escrita bruta* no campo artístico. Vimos que, para Artaud, importou mais a feitura do texto, a criação em si de sua poesia, a “glossopoesia”, como uma assinatura de seu estilo, do que o nome próprio. De qualquer modo, até chegar ao nome paterno, assinou com o materno, um nome imaginário, e mesmo a ausência dele. Assim, apesar do sofrimento da psicose, buscou um meio de *sobrexistir*. Ele transformou a sintaxe e a semântica convencionais da língua materna com as glossolalias e um discurso que chega ao limiar do sentido, e mesmo ao *nonsense*. Ultrapassou a psicose e se fez legitimar como um *sujeito em processo*.

Palavras-chave: Artaud. Nome. Psicose. Poesia. Escrita bruta.

Há coisas que se criam na interface da loucura e da arte “...que não têm nome nem nunca terão...”

(...) o verdadeiro nome d’Antonin Artaud é Hippolyte e Saint Hippolyte foi, o senhor o sabe, bispo do Pireu nos primeiros séculos da era cristã após a morte de Jesus-Cristo do qual Antonin Artaud Hippolyte no tempo transportou o corpo.

Meu nome, Dr. Ferdière, é Antonin Nalpas.

Antonin Artaud
1977, p. 29, tradução nossa

É Artaud (1977, p. 28-29) quem o diz em carta a Ferdière, seu médico em Rodez, em fevereiro de 1943. Nomeia sua identidade na linhagem materna.

Menciona o nome materno Nalpas segundo um pensamento delirante místico: segundo a Lenda, Marie Nalpas era o nome civil e social de uma das quatro Santas Marias que foram abordadas no navio que estava na foz do Rhône após o Suplício do Gólgota. O nome materno, portanto, dizia respeito a um outro imaginário com quem se identificara, tinha “(...) origens Lendárias, Místicas e sagradas (...)”, era o nome de uma Santa Maria que poderia ser a Mãe de Jesus Cristo, segundo seu pensamento delirante; ademais, dizia que tinha dupla personalidade, “(...) que conhece pouco e de ouvir falar a personalidade que leva seu nome, Artaud: conhece bem mais, e por meio de lembranças familiares, outra personalidade que leva outro nome” (MÈREDIEU, 2011, p. 638).

A confusão de identidades imaginárias se evidencia em seus discursos. O nome Artaud, de origem paterna, desloca-se, por um lado, em meio ao delírio para o nome de um santo, por outro para o sobrenome de sua mãe quando solteira, Nalpas. E o médico se torna anjo. A percepção de si e do outro transita entre o imaginário e a realidade, mas sem preservar o nome paterno que lhe foi dado. Aqui, atentaremos para o referente materno que ele subscreve e com o qual durante sete meses assinará suas letras no Hospício de Rodez, interior da França. Para Mèredieu (2011, p. 604), “(...) o abandono patronímico paterno terá por corolário um reatamento com a linhagem materna de seus ancestrais, gregos de Esmirna. (...) Trata-se, para ele, de renascer, de se engajar em uma nova vida”. Ele enseja batizar “esse ser que ele representa e ainda sem nome”.

Assim, notamos obviamente o efeito de uma presença materna vivaz por meio de seu nome, o que nos leva a examinar essa conflituosa questão de uma autoria que não se define em nome próprio.

Para isso, partimos da visão psicanalítica pela qual na infância, do lado da criança, a vivência é de ternura, e do adulto – em geral, a mãe –, pode ser de paixão, com mensagens enigmáticas, incompreensíveis.

Desse modo, delinea-se uma “confusão de língua entre adultos e a criança”, tal como Ferenczi (1992[1932], p. 97-106) refletiu numa conferência.

Nesse trabalho ele evidencia a noção de trauma psíquico ligado ao excesso pulsional (à “paixão” adulta) que tenderia a colmatar a falta na criança para além de suas necessidades biológicas, dificultando e até impedindo o acesso ao próprio desejo, por conseguinte, à linguagem.

Com efeito, a mãe como um Outro deveria configurar para a criança um lugar transmissor de significantes que a inserisse no campo da linguagem, e não ao contrário, como uma Coisa, tal qual um objeto mítico que incitaria o gozo.

A esse respeito, diz Leclaire (1992, p. 139):

(...) o melhor simulacro do que seria a efetivação ou a realização de um gozo é a posse da mãe, inclusive a que podemos identificar no nível das experiências pré-edípicas, pré-genitais. Trata-se verdadeiramente de algo absoluto, sem retorno e, levando ao extremo, inefável.

Essa relação de objeto vista por esse ângulo nos faz imaginar, como já dissemos, o hipotético gozo no ato incestuoso e num tempo quando não haveria lugar para o nome, e, no sentido mais amplo, para a formação da linguagem.

Há que se interditar essa experiência para que o prazer, sendo uma defesa contra o gozo, intermedeie a sexualidade do sujeito, tornando-o um ser-de-falta e, por conseguinte, um ser desejanter capaz de simbolização.

Esta pode até se tornar impossível de se efetivar no distúrbio psicótico uma vez que o sujeito sofre a injunção do significante puro pelo Outro, limitando assim a eficácia na associação de significantes para a consecução do sentido. Em crise, o sujeito experimentaria uma intensa angústia sob a égide de um excesso da energia pulsional – dito, gozo –, e tenderia a formular nomeações erráticas imaginárias (delírios, neologismos) subjugadas ao Real inefável.

Nesse sentido, observando a escrita de Artaud, perguntamo-nos com Harel (1990, p. 63):

Se a estilística dos textos de Rodez é (...) sintomática, como sustentar esta proposição no quadro do discurso psicótico que não se elabora graças ao fundamento da ordem simbólica, nem permite talvez à primeira vista ser apreendido como tendo uma intenção comunicativa?

Haveria algum traço de uma poética para além da escrita psicótica? Ou seja, da graforreia, que significa em psicopatologia uma escrita incessante, desordenada, sem os parâmetros da semântica e da sintaxe comuns, uma espécie de uma “escrita bruta”?

Mèredieu (2011, p. 645) assinala o valor da graforreia atribuída a Artaud, porém realçando o aspecto, não do sintoma, mas dele ser um escritor que

(...) não parou de escrever, que – muito pelo contrário – ele escrevia muito e que, para seus médicos, escrevia até demais! E, evidentemente, pode-se perguntar, o que é escrever demais para um escritor? E como os médicos chegaram a estabelecer uma aferição permitindo afirmar qual é o limiar do qual um processo de escritura se torna patológico!

Certamente, o discurso psicótico não se coaduna com a dialética comunicativa. Seria um discurso que teria uma estrutura monológica próxima do poético tal como nos mostra Laurent (1995, p. 186-190) em seu estudo comparativo dos pensamentos de Lacan e Jakobson acerca da escrita psicótica. A partir desse último, notamos a ausência dos embreantes no texto psicótico, ou seja, não haveria, em princípio, uma designação explícita do objeto de referência, de lugares e temporalidade na cena de enunciação do discurso, daí a aparência de estranheza quanto ao estilo e à estética do mesmo.

Entretanto, esse discurso teria uma função de “distribuição do gozo”, ou seja, uma função mais econômica do que de uma “exibição de identificações” imaginárias. A escrita seria uma espécie de suporte material para o gozo. Acrescentaria que é como se tivesse uma função de ancoragem de um gozo perturbador, intenso em seus efeitos na sofrida vivência da angústia.

O estado gozoso implicaria para o sujeito uma presença massiva do Outro/Coisa, emissor de significantes no Real, lugar em que a palavra não se forma e o nome não se faz.

Lacan (1985 [1955-56], p. 162), no seminário d'*As Psicoses, escuta* o alucinado *uivo* de Schreber¹, como “puro significante”, ou “a-significante”, situa-o como elementar atividade vocal, sem significação, ou, se a tem, é no máximo evanescente. Ele chega a ouvir estrondosos urros numa cena que, segundo ele, parecia sobrenatural (SCHREBER, 1985, p. 256, 290). Essas alucinações vinham de um Outro que, em sua radicalidade expressiva, se torna Coisa puramente sensível, promotora do gozo e deixando de ser o lugar do significante no registro simbólico.

Desse modo, configura-se aí o lugar Real da alucinação, como significante puro, na estrutura psíquica do sujeito psicótico, ou seja, para Lacan, o significante puro estaria no Real, desarticulado, fora do campo simbólico; assim sendo, não chega nem mesmo a ser um significante, é um “a-significante”, por isso, logicamente, como diz ele, elemento possível de ser todos eles (BEZERRA FILHO, 1998, p. 173-174).

Um significante que não seria de todo significante, mas um “a-significante”, ou um “infra-significante” no dizer de Harel (1990, p. 69-70), que estaria no Real.

Esse autor associa a experiência fusional com a imagem materna ao discurso místico de Artaud, e salienta o fascínio dele pelas origens da linguagem citando uma passagem de uma carta d'*O Teatro e seu duplo*:

Trata-se de substituir à linguagem articulada uma linguagem diferente da natureza, cujas possibilidades expressivas equivalerão à linguagem das palavras, mas cuja fonte será buscada num ponto mais oculto e mais remoto do pensamento (ARTAUD, 2004[1932], p. 572, tradução nossa).

Vemos, assim, que Artaud, ao perceber os limites das significações explícitas nas palavras, busca nesse ponto do pensamento, outra linguagem que o libere para uma transmissão do que ele experimenta como o mais autêntico de si mesmo: a linguagem gestual, da vibração sonora das letras e palavras, das glossolalias, do grito.

Nessa mesma “carta sobre a linguagem”, ele escreve:

A gramática dessa nova linguagem ainda está por ser encontrada. O *gesto* [o ato, o drama] é sua matéria e sua cabeça; e, se quiserem, seu

¹ Daniel Paul Schreber (1842-1911), Doutor em Direito, juiz e notável intelectual, que publicou em 1903, com 61 anos, suas “Memórias de um doente de nervos” (SCHREBER, 1985). Este livro expõe um delírio sistematizado, e foi a base para Freud, oito anos depois, explicar, na psicodinâmica da psicose, o delírio como um modo de defesa diante de um grave trauma psíquico.

alfa e seu ômega. Ele parte da NECESSIDADE da palavra mais do que da palavra já formada. Mas, encontrando na palavra um beco sem saída, ele volta ao gesto de modo espontâneo. (...) Refaz poeticamente o trajeto que levou à criação da linguagem (ARTAUD, 2006[1932], p. 129; 151-160, grifo em itálico, nosso).

É o corpo que passa a ocupar o primeiro plano da cena, tendo como base o pensamento e práticas orientais cuja mística realça o sensorio, as vibrações físicas da atuação, da vocalidade.

Vemos o teatro artaudiano como um *te-ato*, que deveria, antes de tudo, encenar muito mais um rito do que o drama comum, um rito pleno de intensidade das formas sem, no entanto, fixá-las. Seria uma cinesia mágica que diria mais das verdades do ator e do espectador do que o pensamento (pré)organizado. Assim, a fala, o nome, cedem lugar a um tempo anterior quando a garganta chega ao ponto de se abrir para o grito.

O grito e o êxtase dizem de um acontecimento que se afasta, obviamente, do que se pauta pelo discurso inscrito comumente na língua materna. Opõe-se, radicalmente a ela, desconstruindo-a.

Em Lacan, aproximamos o grito do a-significante (ou do infra-significante), e o êxtase, do gozo. Ou seja, visualizamos um cenário em que o sujeito em crise – composta de elementos clínicos, da psicose, e artísticos, da arte bruta – se dirige ao objeto primeiro por assim dizer, ao Outro materno em sua face sensível de Coisa.

Figuramos uma situação em que teríamos, de um lado, um sujeito desejando falar sua própria língua; do outro, um Outro que não a escutasse para inseri-la no campo simbólico, e incidisse sobre ele um desejo avassalante, refratário à castração. Seria quando o Outro se torna Coisa, e o lugar para a formação da palavra, do nome, esvai-se. O que estaria em jogo na relação do sujeito com a Coisa seria de natureza pulsional e não do desejo, o que nos remete à afirmação de Lacan (1966, p. 853) de que “(...) o desejo vem do Outro, e o gozo está do lado da Coisa”.

Portanto, o que vem do Outro teria a força e eficácia de instaurar o campo de significantes que validariam a existência do infante, futuro sujeito. Ilustramos essa dinâmica existencial com um acontecimento: trata-se de uma cena real que testemunhei com uma criança de quatro anos, meu filho: ele vê num campo um pônei e pergunta à mãe se cavalo pequeno existia. Ela de pronto responde: existe sim, filhinho, por quê? – Porque *vi* um bem ali!

Nesse fato, vemos que não fora suficiente a sensopercepção visual do objeto pela criança, mas foi preciso que ela legitimasse a existência desse objeto pelo Outro, mais precisamente pela mãe - intermediária para o lugar dos significantes na linguagem. Ou seja, um objeto real tornado existente no campo simbólico pela intercessão da palavra do Outro.

Por outro lado, a respeito do significante no Real ligado ao Outro/Coisa materna, vale examinar um interessante texto de Artaud (2004[1945], p. 1247, tradução nossa), um “sonho-poema” intitulado “As Mães no Estábulo”. Este implicaria na exposição de um discurso inconsciente (do Outro, com a figuração onírica) e, ao mesmo tempo, consciente (do Outro, mas com a figuração do poema).

Ele faz uma possível referência a um tempo fetal no qual se misturam o ser primevo em formação (ser latente) e a presença massiva – até física – do Outro/Coisa, a Mãe.

[um tempo “longínquo”] no qual se funde a vontade humana e que abomináveis torções ela sofre da parte de um *estado de ser* [≈ “*êtreté*” ≈ ser latente] revoltado pelo engodo de todas essas *falsas idéias* (Grifos em itálico, nossos).

Figuramos aqui o ser fetal que se retorce ainda *in utero* como uma revolta de ser joguete da vontade do Outro – lugar do significante em geral e do significante enigmático (incompreensível) –, e da Coisa – lugar do significante no Real – vale dizer, da “Mãe”-vaca que muge no estábulo. A representação desse Outro/Coisa em geral recai sobre a figura materna. Poder-se-ia imaginar um estrebuchamento do ser latente, revoltado pela injunção de infra-significantes e ao mesmo tempo precisando de uma intervenção paterna, de uma lei, do significante Nome-do-Pai que nessa situação estaria foracluído.

O “ser latente” [“*êtreté*”] que aparece em fantasia acoplado ao corpo materno se move e avança em busca de uma corporeidade própria na e com a escrita sobretudo epistolar. Artaud escreve cartas ao outro (médicos, amigos, familiares) para (se)inscrever no Outro alguma marca de si mesmo, algum traço que seja índice de uma existência ou de uma sobreexistência mesmo que na pele de um “corpo sem órgãos”, fundamento talvez de uma identidade virtual, passageira, que se pretende nova a cada instante sem deixar qualquer herança.

Nesse texto de Artaud, acima citado, há uma certa materialização do discurso materno como observa Harel (1990, p. 72-73). É evidente que o cenário e a interlocução entre o escritor e as “Mães” apresentam-se como metafóricos e podem até ser tomados como surreais quanto à forma, entretanto expõem elementos que continuarão tecendo o multiverso artaudiano como as glossolalias que se assemelham, de certo modo, aos mugidos, aos gritos, vistos sob a ótica de “infra ou de a-significantes”. Certamente, há que se separar da imagem do outro para que o sujeito alcance uma posição de alienação na linguagem.

Contudo, Artaud foi além, muito além do limite entre o discurso materno e o universo simbólico convencional. Com o multiverso da poética bruta procurou sobreviver como um devir-sujeito, um *sujeito em processo*².

Deleuze (1997, p. 26), comparou a *língua* artaudiana com a do “estudante de língua esquizofrênico”, Louis Wolfson. Observou que os dois afrontaram a língua materna transformando-a sem uma ordem sintática, criando línguas originais e totalizantes, de abrangência universal, ou como a “língua dos nervos” ou “fundamental” como a de Schreber (1985 [1903], p. 68-70; 455).

Wolfson trava um duro e contínuo combate contra a língua materna, o inglês: ele recorria a línguas estrangeiras (de preferência em francês, alemão, russo ou hebraico) para enfrentar o ataque invasivo da língua materna. Não suportava escutar a voz materna que penetrava e ecoava em sua cabeça, ferindo-o. Para destruir sua língua, fazia uma tradução buscando palavras estrangeiras de sentido e som similares aponta-nos Deleuze (1997, p. 17). É como se essa voz materna fosse recebida como o grito, o mugido, o urro, isto é, como um significante puro no Real, tal como uma alucinação na crise psicótica. Esse significante impulsiona o sujeito a procedimentos defensivos como o trabalho de escritura feito por Wolfson e Artaud.

Entretanto, a “impessoalidade” é o aspecto comum a ambos, escritores psicóticos. Eles, em certa medida, não se identificam com um nome próprio, abdicam da autoria como se deixassem ser vistos ao longo do que se materializa nas letras. Entre outras expressões, Wolfson fica anônimo sob a rubrica de um “jovem ôme sqizofrênico”, já Artaud, segundo Mèredieu (2011, p. 649), sob o domínio do pensamento delirante teve várias identidades imaginárias como “(...) as de Alexandre, de Salomão e de

² Expressão de KRISTEVA, Julia. *Le sujet en procès*. In: Polylogue. Paris, FR: Éditions du Seuil, p. 55, 1977.

Anaximandro”, e chegou a se apresentar como o duplo “Antonéo Arlaud, em grego Arlanopoulos”. Contudo, não será sua assinatura que identificará a escrita, aliás, ele disse que “(...) seu nome deve desaparecer”, e o que importa, para ele, é o que ficará escrito. (MÉREDIEU, 2011, p. 577).

Constatamos aqui a relevância de sua produção desligada de um nome, ou seja, de uma marca que pudesse incitar alguma representação, alguma nomeação que narrasse algo prévio à visualização de suas palavras, algo fora do instante da leitura, como se o que gerasse fosse inclusive apartado do tempo, pelo menos do tempo imaginário, cronológico. Mesmo que não se percebesse autor ou não quisesse sê-lo, mesmo sob o influxo de alguma identidade imaginária, escrevia ao outro/Outro em suas letras juntas e disjuntas. Então, havia naturalmente certo desejo de reconhecimento por esse outro/Outro por meio de seu estilo escritural.

Era como se ele visse o texto como sendo ele próprio *autor* ou pelo menos configurasse, de algum modo, uma autoria. Ou seja, o texto se faria ele próprio reconhecer como autoria. A esse respeito, Barthes (2004 [1968], p. 01, 02, 4-6) diz que:

(...) a escrita é destruição de toda voz, de toda origem. A escrita é esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito, o preto-e-branco aonde vem perder-se toda a identidade, a começar precisamente pela do corpo que escreve. (...) Finalmente fora de qualquer função que não seja o próprio exercício do símbolo, produz-se este desfasamento, a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escrita começa. (...).

Ele acentua o quanto o valor da escrita textual é prioritário em detrimento de um eu autorial. Trata-se mais de um sujeito que o texto faz transparecer e o define, sendo suficiente para dar suporte à enunciação e fora dela se esgota, esvazia-se. Reporta-se à poética de Mallarmé e Proust, como também à escrita surrealista para embasar seu pensamento de que o autor “morre” em meio ao transcorrer da linguagem. Assim, refere que:

“Dar um Autor a um texto é impor a esse texto um mecanismo de segurança, é dotá-lo de um significado último, é fechar a escrita”. Volta o olhar para o outro que não seja um autor quando diz que é a leitura o verdadeiro lugar da escrita:

(...) o leitor é o espaço exato em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita; a unidade de um texto não está na sua origem, mas no seu destino, mas este destino já não pode ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; é apenas esse *alguém* que tem reunidos num mesmo campo todos os traços que constituem o escrito. (...) Sabemos que, para devolver à escrita o seu devir, é preciso inverter o seu mito: o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor.

Em decorrência dessa análise, refletimos sobre a posição subjetiva de Artaud, observando que ele, sob a égide do Surrealismo, certamente se imbuía dos influxos de uma escrita automática, por exemplo. Esta, de certo modo, deslocava o escritor da diretriz daquilo que produzia, deixando-se levar como se fosse mais instrumento do outro/Outro do que propriamente um autor. Importava o texto cuja tessitura ia se fazendo substancialmente à posteriori com a interlocução com o leitor, o outro, ou com a linguagem, o Outro.

Em Deleuze e a filosofia da virtualidade, segundo o estudo de Alliez (1996, p. 22-23), um sujeito que não limita o que escreve por uma assinatura e inclui o leitor (outro/Outro) para dar substância ao escrito, não se encerra somente com um sujeito-espelho ou duplo do outro, tampouco como sujeito do inconsciente - do Outro -. Esse sujeito não terá lugar fixo ao longo da história do escrito, e este adquirirá substância à medida que aconteça com o leitor, copartícipe da feitura do texto. Teríamos então um *sujeito* virtual, “(...) sempre nômade, ‘feito de individuações, mas impessoais, ou de singularidades, mas pré-individuais’”, sem-nome ou com nomes múltiplos advindos de identificações imaginárias (delirantes), e se inscrevendo numa temporalidade diferente da cronológica, “efêmera” e virtual, mas contemplando o que é da atualidade. A escrita, então, espraia em seu fluxo uma temporalidade móvel na qual passado, presente e futuro aconteceriam *hic et nunc...* (DELEUZE, 2009, p. 154).

Em um estudo de Capt (2012, p. 41) sobre o discurso psicótico observamos um sentido semelhante ao da nossa tradução de “*êtrété*”, como ser latente.

Ele observa que unir ao neologismo “*Pseudonimme*”, um outro, “*avortonique*”, o paciente psicótico Samuel Daiber indica que, primeiro, nele haveria uma outra entidade que o possuiria, ademais que o termo “*avortonique*” procede de “*avorton*” [aborto] mais o sufixo “*ique*” que significaria um ser abortado, nascido com um desenvolvimento insuficiente. Portanto, no ser existente desse sujeito, haveria como que um outro ser

natimorto que não teria podido nascer restando-lhe ser designado não por um nome próprio mas por um “Pseudonimme” [*pseudônimo*].

Escrito com dois êmes é um neologismo, mas, como refere Capt à mesma página e anterior, teria um potencial simbólico, pois decorreria do termo familiar, *pseudônimo*. Além disso, teria relação com uma “identidade cindida” desse paciente, divisão do eu que aliás define uma personalidade psicótica. É certo que o contexto em que traduzimos a palavra “êtrété” era o de um “sonho-poema” de Artaud, por conseguinte, era um meio em que um outro/Outro (simultaneamente imaginário e potencialmente simbólico) – a Mãe – o habitava.

Assim, Artaud (2004 [1945], p. 1248), enquanto “écrivainier” [neologismo do paciente de Capt], ou seja, autor de uma escrita privada, bruta, ao aparecer como um “êtrété” [ser latente ou em formação] reconhece que “(...) há outros que coabitam com ele e que não cessam de trabalhar contra ele”, são as “Mães” que “violam seu pensamento” e o “desposui”, impedindo-o de nascer autônomo, ou, parafraseando o autor supracitado, fazem-no nascer abortado, ou um ser que não se designa, tampouco se define *ad initio* por um nome mas pelo que pode se *revelar* em sua produção escritural.

E é com o pseudônimo de “O REVELADO” que Artaud (2004 [1937], p. 787-799) assina seu livro “As Novas Revelações do Ser” publicado no final de julho de 1937.

Pseudônimo que transparece um sentido de quem pode ser reconhecido ou “revelado” mais pela escrita do que por uma assinatura.

Uns dois meses antes dessa publicação, ele disse em uma carta ao amigo Jean Paulhan, em *post scriptum*: “Eu decidi *não* assinar a Viagem ao País dos Tarahumaras [outro livro]. Meu nome deve desaparecer” (ARTAUD, 2004[1937], p. 804). Assina essa carta com o patronímico e faz essa significativa afirmação como se fosse cômico e tivesse autocontrole de seus atos; uma enérgica expressão que sinala um descolamento de sua identidade histórica. Mais ou menos uma semana depois, no início de junho de 1937, diria a esse amigo:

Não é preciso nem mesmo de iniciais (...). Mesmo as iniciais limitariam a ação. É a última satisfação que lhe peço, suprimir tudo que possa lembrar meu nome. Muitos ficam comovidos pelo que estou fazendo. Uma referência de meu nome os decepcionaria e me decepcionaria. Dentro de pouco tempo estarei morto ou numa situação tal que não terei necessidade de nome (ARTAUD, 2004 [1937], p. 805).

Apagar o nome significaria recusar uma existência que revelasse sua verdade histórica genuína? Ou se desligar de uma realidade recusada por ser vista como ilusória? (Certa vez, ao ver os girassóis de Van Gogh, afirmou: “(...) seus girassóis de ouro brônzeo estão pintados; estão pintados como girassóis e nada mais, mas *para entender um girassol ao natural, é preciso agora voltar a Van Gogh (...)*” (ARTAUD, 2008, p. 281, grifo em itálico, nosso).

Evidentemente, não pretendemos precisão ao buscarmos respostas, entretanto, vale realçar que os versos de Artaud fazem transparecer um ser em questão; um ser que sofre o que percebe e constata de uma realidade como se fosse composta de formas ilusórias. A propósito, para ele, ser nesse mundo é que se constitui um “delírio” e não o contrário. Isso significa que a ele não interessa ser determinado pelos códigos linguísticos que recebe do Outro, nem ser eliminado pelos significantes enigmáticos, Reais – fora da doxa – advindos de algo como uma Coisa e não como um Ser. Afirma-se como ser vivente deixando a realidade e se sentindo separado dela. “Vomita” essa realidade (ARTAUD, 2004 [1937], p. 787-788, tradução nossa).

É como se esses versos artaudianos apontassem para um lugar imaginário onde a luta do sujeito Artaud com esse Outro/Coisa não cessa para não morrer existencialmente; rejeita a codificação linguística convencional que torna as pessoas como se fossem “mortos, [apenas] rodando seus cadáveres”. Reconhecendo sua potência para se separar dos outros em geral e não morrer, segue sobrexistindo, *desesperadamente*.

Artaud tenta (re)criar com a escrita epistolar, inclusive bruta, uma corporeidade que não requeira *a priori* uma assinatura identificatória. Como citamos anteriormente, nesse lugar, ele previa que não precisaria de nome.

E ele afirma ainda a Jean Paulhan no final de junho de 1937:

(...) Aqueles que me conhecem me reconhecerão, mas quanto deles existem? Esses também me reconhecem quando me vem e que eu lhes falo. Pois ainda estou aqui. *O que importa nisso tudo é a afirmação do anonimato* e não o fato de me esconder de quem sempre me viu e de quem nunca me viu e jamais me conhecerá e em dez anos, ou em seis meses será todo o mundo. *Não quero mais assinar a nenhum preço*” (ARTAUD, 2004 [1937], p. 806, tradução e grifo em itálico, nossos).

Rey (2002, p. 22- 25), apesar de marcar o direito de Artaud ao anonimato, vê-lo como se recusando a se firmar como autor, a ser alguém identificado pela escrita mesmo

dissolvendo-se nela. Notamos que esse autor contrapõe o ser da realidade comum ao Ser que Artaud reivindica nas *Novas Revelações...*, um ser inconformado com aquele que é. Mesmo quando delira, portanto, numa identidade imaginária, Artaud se refere ao nome próprio como se tivesse consciência de que precisa mudá-lo, e assim talvez pudesse mudar sua história, ou renascer em outro personagem, ou deixar que sua identidade renascesse de suas letras, ou ainda tivesse um “(...) desejo insensato de nascer de si mesmo; *leitmotiv* dos textos do momento de Rodez”.

De fato, Antonin Artaud será Antonin Nalpas antes mesmo de ser internado no asilo de Rodez em 11 de fevereiro de 1943; continua assinando suas cartas com o nome materno durante pouco mais de oito meses até 16 de setembro desse ano. A relação com a mãe real era ambivalente, oscilando entre amor e ódio, todavia a figura materna como a Mãe, um Outro/Coisa, terminou sendo, para ele, um modelo que, inconscientemente, fê-lo aderir em forma de identidade.

No campo psicanalítico, seguindo Lacan, a escrita adquire uma independência despegando-se da realidade natural e contornando o Real inefável, e o sujeito passa a ser “um efeito efêmero da passagem de um significante a outro”. Ele é, ao mesmo tempo, artífice e efeito da linguagem, e para aí se configurar haveria que estar a ela submetido, assujeitado ao sistema simbólico que comporta a propriedade de nominar.

A nomeação torna-se possível pela intercessão do significante Nome-do-Pai na estrutura do sujeito em relação à linguagem.

Juranville (1987, p. 239; 263) observa que esbarrar no limite do simbólico pela falta de referência à função paterna é impedir que o ser se revele por quaisquer de seus atributos reais, por conseguinte, acrescentamos, referentes de identidades e vinculados a alguma história. E Lacan especifica:

É num acidente desse registro [simbólico] e do que nele se realiza, a saber, na forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que nós designamos a falha que dá à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose (LACAN, 1966[1964], p. 575).

A consequência de tal “acidente” é expressa nitidamente nos distúrbios de linguagem nas psicoses – sobretudo nas esquizofrenias, mas também na paranoia e parafrenia³.

Um mês e três dias antes de assinar com o nome paterno uma carta à Ferdière, Artaud (1977, p. 56) lhe escreve, dizendo que ele percebia

(...) uma síndrome mórbida condenável e curável (...) pelo fato dele pretender se chamar Antonin Nalpas e não Antonin Artaud. E segue escrevendo que “(...) podiam então lhe censurar por um fenômeno de desdobramento de personalidade que não está de modo algum em minha consciência pois minha presença sobre a terra é função de um Milagre que se produziu em agosto de 1939.

Seu médico, Ferdière em entrevista a Jean-Claude Fosse (apud DANCHIN et ROUMIEUX, 2015, p. 690-691), apesar da menção aos efeitos positivos dos eletrochoques, confere a si mesmo o mérito de ter motivado ou induzido Artaud a voltar a escrever, a lhe fazer ressurgir o processo criativo; e o faz pedindo-lhe que o ajude a traduzir de Lewis Carrol, *A travessia do espelho*. O poeta então traduziu *Jabberwocky*, o famoso poema que Alice lê diante do espelho com a escritura em espelho.

De fato, as traduções publicadas feitas por Artaud foram um trabalho que lhe permitiram retornar à vida civil, social, como autor, mesmo que as fizesse seguindo um estilo singular permeado inclusive, às vezes, por neologismos. Esse procedimento da tradução fá-lo pensar e se expressar em língua mais ou menos compreensível segundo uma referência coletiva, portanto, fora do contexto psicótico, mais privativo; por outro, afasta-o de conflitos que porventura interfiram na lide com a língua materna, o francês.

É curto o tempo, em torno de uma semana, que separa a primeira carta a Ferdière assinada como Artaud, o nome do pai, com o início da tradução de Lewis Carrol. Sobre esta dirá em 25 de setembro de 1943:

Há uma coincidência curiosa que não posso me impedir de vos assinalar; é que na mesma manhã do dia em que o Sr. Delanglade me trouxe para traduzir o capítulo de ‘Gordo Atarracado’ [*Humpty e Dumpty*], pensei em retornar a escrever, o que não fazia há seis anos

³ Ferdière, ao receber Artaud no Hospital Psiquiátrico de Rodez, diagnosticou-o como um parafrênico e não como um esquizofrênico, considerando como principal sintoma “(...) um delírio [crônico] fantástico, imaginativo, com numerosas preocupações místicas e esotéricas” (Ver: DANCHIN et ROUMIEUX, 2015, p. 685). Segundo a psicanálise, ambos diagnósticos pertencem à estrutura subjetiva psicótica que tem - em relação à linguagem - como característica a forclusão do significante Nome-do-Pai.

E, um ano e três meses depois, em 9 de março de 1945, dirá a Ferdière que ele reconhece nele uma “intuição e um coração” e que foi, graças a ele, que voltou a escrever (ARTAUD, 1977, p. 64; 100, tradução nossa).

Compreendemos essa escrita obviamente no universo, ou melhor, em se tratando de Artaud, no multiverso literário. E a recuperação do patronímico ofertando-lhe chances de continuar existindo como poeta (e sobrevivendo como sujeito) não obstante as agruras de uma vida e existência crivadas pela psicose, o que implica uma (re)inscrição no espaço artístico social preservando-se o que há de singular com respeito a uma arte bruta.

Nesse campo, a escrita bruta termina adquirindo status de uma produção simbólica ultrapassando, por conseguinte, os limites reducionistas e estigmatizantes daquilo que é recebido nos contextos social e institucional como fabricos da loucura.

Após quase um mês da última carta a Ferdière em que assina com o nome materno, Antonin passa a ser Artaud em 17 de setembro de 1943. Nesta, afirma o sentimento de reencontrar o domínio de si mesmo, de estar com a memória melhor após perceber que as “poeiras e escórias que obstruíam seu eu profundo saíram de sua consciência”.

E termina assinando a carta reassumindo a identidade paterna:

Eu me chamo Antonin Artaud, porque sou filho de Antoine Artaud e de Euphrasie Artaud, ainda viva enquanto que meu pai faleceu em Marseille em setembro de 1924. Fui batizado em Marseille no dia 8 de setembro de 1896 na igreja de Chartreux sob o nome de Antoine, Marie, Joseph Artaud transformado em Antonin Artaud e é sob este nome que assinei todos meus livros (ARTAUD, 1977, p. 59-60).

Constatamos evidentemente que o traço identitário paterno pela assinatura não lhe suprime o sintoma psicótico do delírio, ou seja, apesar de o patronímico indicar uma filiação real datada num tempo cronológico de uma história, não altera a estrutura subjetiva que continua sendo psicótica. Porém o aproxima mais de um cenário existencial configurado no universo simbólico; além disso, vale ressaltar que, ao confirmar a paternidade de sua obra, ele se autoriza como autor, por consequência revestindo-se de sua identidade mais autônoma e mais talvez desvencilhada do outro especular.

Em Artaud, o fato de ele não se identificar pelo nome e mesmo depois de fazê-lo reassumindo o nome paterno, parece nos mostrar uma posição subjetiva pela qual o eu fica sombreado pela narrativa do texto que acontece em conjunção com o leitor. Haveria, de certo modo, a aparição do sujeito pela escrita mesma e não *a priori*, num tempo em

que uma assinatura poderia embaçar o texto já referenciado no campo imaginário. É como se a poética artaudiana pretendesse se fazer conhecer genuinamente à medida que fosse sendo construída no intercurso com o outro.

O ser delirante de Artaud é um ser Divino imaginário, todavia seu ser criativo busca, mesmo à custa de um sofrer angustiante, se afastar de um mundo simbólico coibitivo, ao mesmo tempo acontecendo e permanecendo nele com seu traço escritural tal qual um nome próprio. “Revelado”, não é ninguém; *ele é o que é* em sua produção e performance artística bruta, desbordando a fronteira da escritura psicótica.

Desconstrói e refaz a língua materna; com sua linguagem “glossopoética” abre-se para o multiverso simbólico sobexistindo enquanto um sujeito em processo.

Referências

- ALLIEZ, Éric. **Deleuze – Filosofia Virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- ARTAUD, Antonin. **Nouveaux Écrits de Rodez**. Paris: Éditions Gallimard, 1977.
- ARTAUD, Antonin. **O Teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ARTAUD, Antonin. Deuxième lettre sur le langage. In: **Ouvres** Quarto Gallimard. Paris: Éditions Gallimard, 2004[1932].
- ARTAUD, Antonin. Les Nouvelles Révélations de l'Être. In: **Ouvres** Quarto Gallimard. Paris: Éditions Gallimard, 2004[1937].
- ARTAUD, Antonin. Les Mères à L'Étable. In: **Ouvres** Quarto Gallimard. Paris: Éditions Gallimard, 2004[1945].
- ARTAUD, Antonin. Van Gogh, o suicidado da sociedade. In: **Linguagem e vida**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 2008. p. 256-290.
- BARTHES, Roland. A morte do autor [1968]. In: **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BEZERRA FILHO, Arnaldo Rodrigues. Significante puro e gozo n'A Causa Secreta de Machado de Assis. **Psicanálise & Barroco em revista**, n. 11, v. 1, 2013, p. 137-150.
- CAPT, Vicent. **Écrivainier – La langue morcelée de Samuel Daiber**. Lausanne, Suisse: Infolio éditions, 2012.

- DANCHIN, Laurent; ROUMIEUX, André. **Artaud et L'Asile**. Paris: Editions Séguier, 2015.
- DELEUZE, Gilles. Louis Wolfson, o procedimento. In: **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida In: **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. Vigésima primeira série: do acontecimento. In: **Lógica do Sentido**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2009.
- FERENCZI, Sándor. Confusão de língua entre os adultos e a criança (A linguagem da Ternura e da Paixão) (1932). In: **Obras completas – Psicanálise IV**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1992.
- FRANÇA, Fagner. Artaud e o cinema: histórias cruzadas. In: GALENO, Alex; FRANÇA, Fagner; CASTRO, Gustavo. **Antonin Artaud Insolências**. Belo Horizonte: Editora Moinhos, 2018. p. 107-125.
- FREIRE, Silvana Matias. **Glossolalias: ficção, semblante, utopia**. Tese de Doutorado. UNICAMP - Instituto de Estudos da Linguagem. São Paulo, 2007.
- HAREL, Simon. **Vies et morts d'Antonin Artaud**. Le séjour à Rodez. Québec: Les Éditions du Préambule, 1990.
- JURANVILLE, Alain. A pulsão de morte. In: **Lacan e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- KRISTEVA, Julia. Le sujet em procès. In: **Polylogue**. Paris: Éditions du Seuil, 1977.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 3**. As psicoses (1955-56). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1985.
- LACAN, Jacques. L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. In: **Écrits**. Paris: Éditions du Seuil, 1966.
- LECLAIRE, Serge. Sobre o gozo. Considerações do ponto de vista psicanalítico. In: **O corpo erógeno**. São Paulo: Editora Escuta Ltda, 1992.
- LAURENT, Éric. O sujeito psicótico escreve... In: **Versões da Clínica Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- MÈREDIEU, Florence de. **Eis Antonin Artaud**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2011.
- PLATÃO. **Timeu e Crítias ou A Atlântida**. São Paulo: Hemus Editora Ltda.
- REY, Jean-Michel. **Le moment de Rodez**. Magazine Littéraire, nº 206, 1984.

SCHREBER, Daniel Paul. **Memórias de um doente de nervos**. Rio de Janeiro: Ed. Graal Ltda., 1985 [1903].

ABSTRACT

In this article, we consider Artaud's writing as a singular literary creation; we compared traditional literary and psychotic writing, which was named *outsider writing* in the artistic field. We saw that, for Artaud, he imported more the making of the text, the creation itself of his poetry, the "glossopoetry", as a signature of his style, than the proper name. Anyway, until he got to his father's name, he signed with his mother, an imaginary name, and even his absence. Thus, despite the suffering of psychosis, he sought a means of *over-existing*. He transformed the conventional syntax and semantics of the mother language with glossolalias and a discourse that reaches the threshold of meaning, and even nonsense. He overcame psychosis and made himself legitimized as a *subject in process*.

Keywords: Artaud. Name. Psychosis. Poetry. Outsider writing.

RESUMEN

En este artículo, consideramos la escritura de Artaud como una creación literaria singular; cotejamos la escritura literaria tradicional y la escritura psicótica, que en el ámbito artístico se ha denominado *escritura bruta*. Hemos visto que, para Artaud, importaba más la elaboración del texto, la creación misma de su poesía, la "glosopoesía", como firma de su estilo, que el nombre propio. En cualquier caso, hasta llegar al nombre paterno, firmaba con el materno, un nombre imaginario, e incluso la ausencia de este. Así, a pesar del sufrimiento de la psicosis, buscó un medio de *sobre-existir*. Transformó la sintaxis y la semántica convencionales de la lengua materna con la glosolalia y un discurso que alcanza el umbral del sentido, e incluso del *nonsense*. Superó la psicosis y se legitimó como *sujeto en proceso*.

Palabras clave: Artaud. Nombre. Psicosis. Poesía. Escritura bruta.

RÉSUMÉ

Dans cet article, nous considérons l'écriture d'Artaud comme une création littéraire singulière; nous avons comparé l'écriture littéraire traditionnelle et l'écriture psychotique, qui a été nommée écriture brute dans le domaine artistique. Nous avons vu que, pour Artaud, il importait plus la réalisation du texte, la création elle-même de sa poésie, la « glossopoetry », comme une signature de son style, que le nom propre. Quoi qu'il en soit, jusqu'à ce qu'il soit arrivé au nom de son père, il a signé avec sa mère, un nom imaginaire, et même son absence. Ainsi, malgré la souffrance de la psychose, il cherchait un moyen de surexister. Il a transformé la syntaxe conventionnelle et la sémantique de la langue maternelle avec des glossolalias et un discours qui atteint le seuil du sens, et même le non-sens. Il a surmonté la psychose et s'est fait légitimer comme *sujet en procès*.

Mots clés: Artaud. Nom. Psychose. Poésie. Écriture brut.

ARNALDO RODRIGUES BEZERRA FILHO

Psiquiatra e Psicanalista.

Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

Residência Médica em Psiquiatria e Psicologia Médica na Universidade de São Paulo – USP.

Mestre em Medicina Preventiva pela Universidade de São Paulo – USP.

Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

Diploma de Estudos Aprofundados (DEA) em Psicanálise na Université de Sorbonne – Paris VII.

arbf03@gmail.com

Citação:

BEZERRA FILHO, Arnaldo Rodrigues. Artaud: a questão do nome entre a psicose e a poesia. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, dez. 2022.

Submetido: 24.05.2021 / Aceito: 29.07.2022

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article,

Artaud: a questão do nome entre a psicose e a poesia

which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

